

A NOITE DO BEIJO (HOUE UMA VEZ UM INVERNO)

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Em 27 de junho de 2022, Valdir Specian publicou aqui na Coluna Opinião um texto espetacular criticando o envolvimento da sociedade atual com as redes sociais. Ali fica clara a nossa dependência dessa nova forma de relacionamento e o quanto ela pode ser nociva à humanidade. Concorro em gênero, grau e número com seus escritos, porém tenho que admitir que, mesmo que esporadicamente, estas pontes virtuais nos levam a pessoas muito interessantes e sim, tenho amizades virtuais mundo afora.

São pessoas com quem costumo trocar ideias e pensamentos conectados por ideais comuns. No dia 08 de julho de 2022, Maria Teresa Markson, uma dessas amigas que nunca abracei, mas sempre



amei, publicou uma foto aparentemente da garagem de um prédio com os seguintes dizeres: *“Proibido urinar, defecar, fazer sexo e praticar ato obsceno neste local”*.

Até aí nenhuma novidade, mas então ela adicionou à postagem seu sarcástico toque de humor refinado escrevendo:

“Mas não pode nem dar um amassinho?”

Este comentário provocou minha memória levando-me aos tempos da faculdade.

O fato ocorreu no final do mês de junho de 1979. Lembro bem do período porque era fim de semestre, e tudo no ambiente universitário estava morno, alunos correndo para entregar trabalhos de fim de semestre, professores corrigindo provas, funcionários aguardando ansiosamente o mês de julho, diretório acadêmico-DA sem atividade formal... Em resumo, o maior clima de fim de festa. Importante ressaltar que estávamos em plena ditadura cívico-militar; que, embora já moralmente esgarçada, contava ainda com muitos de seus representantes em atividade, especialmente nos espaços universitários. Eles adoravam demonstrar seu poder de força e opressão, ainda mais dentro do Mackenzie, típica escola da burguesia paulistana que eu pagava com suados cruzeiros obtidos em estágios e bicos. O campus universitário contava com uma equipe de profissionais de segurança, chamados por nós de “suate do Mackenzie” (referência irônica à série norte-americana *Swat*, exibida pela TV naqueles tempos). O trabalho deles era rondar o ambiente à procura de um pretexto para nos enquadrar, nós os alunos rebeldes. As turmas noturnas de arquitetura estavam entre as poucas que ousavam enfrentar o pesado sistema de opressão, organizávamos greves e festas, promovíamos manifestações culturais e artísticas....

Em resumo, incomodávamos muito o *status quo* presbiteriano, éramos as “ovelhas vermelhas” do campus mackenzista.

Nosso prédio possuía dois saguões, um no primeiro e outro no segundo andar, que usávamos exatamente para os eventos citados acima. Eram espaços de convívio e nós os ocupávamos como territórios de liberdade de expressão, algo muito perigoso na época. Aproveitando-se do marasmo daqueles dias, a direção da faculdade fechou os saguões com divisórias, criando novas salas de aula que seriam cedidas aos cursos de administração e economia que, mesmo tendo seus próprios prédios, estavam se expandindo e precisavam de novos espaços. Embora revoltados, a maioria de nós não encontrou força para, em meio ao final de semestre, se mobilizar e impedir o fato. Como nem só de cultura vive o ambiente universitário, ocorreu o fato que faz conexão com o comentário da Maria Teresa.

Ao realizar a ronda no final da noite para esvaziar o prédio, um dos seguranças flagrou um casal de alunos em, digamos, *um amassinho*. Impedido talvez por sua moral tacanha, de descrever o ato libidinoso, o funcionário encaminhou os despuadorados à diretoria e, em uma espécie de boletim de ocorrência, oficializou que os incautos estavam *“se beijando em uma sala vazia”*. O diretor decretou então a suspensão dos alunos por um período, que confesso não me lembro. O problema é que a notícia vazou, e nós, do diretório acadêmico não perdemos tempo. Passamos o dia seguinte inteiro fazendo telefonemas e organizando nosso protesto que chamamos de “noite do beijo”. Afinal o que constava como causa da punição era um simples beijo, e como ninguém acredita que se possa passar por um curso universitário de cinco anos sem beijar outra pessoa, a infração esvaziou-se na própria causa. O evento foi sucesso absoluto.

Houve uma grande mobilização feita basicamente por telefone fixo, sem *“celu-LAR”* e sem redes sociais. Também conseguimos dar o recado pelas rádios FM mais populares da época, isso acabou trazendo, pessoas de fora do nosso universo. A concentração deu-se na entrada do prédio da arquitetura que logo ficou pequena pra tanta gente. Os discursos anti-opressão foram se intensificando e escalando a ponto de alguém propor o desmonte das divisórias dos saguões. De repente ferramentas começaram a brotar do nada e nós nos transformamos em desmanchadores. Com muita consciência e organização retiramos placa por placa, esquadria por esquadria, lâmina de vidro por lâmina de vidro, empilhando todo o material desmontado nos corredores, sem danificá-los, evitando prejuízos futuros para o DA. Vencemos a batalha!

A punição foi retirada e as divisórias não foram reinstaladas, reconquistamos nossos espaços e, melhor de tudo, fizemos tudo em meio a muitos e muitos beijos, a melhor forma em energia de troca que seres humanos podem realizar.

Era inverno, era noite e o frio de São Paulo deu lugar ao calor dos beijos. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.